

UM

Encontra-se agora frente ao mar. Lembra-se que tudo faz parte do passado, que o amigo agonizou durante dias no hospital. Soube da notícia do seu suicídio por um telefonema, ao fim da tarde, à hora em que costumava folhear um álbum de pintura e arrumar o quarto.

Um caranguejo move-se com dificuldade. Uma das suas tenazes está partida. O bicho tem os olhos demasiado salientes, talvez pela dor, a carapaça roxa e rugosa. Trava uma luta de morte com as ondas que o arremessam para a areia. Ouve um assobio que deve ser o barulho da água a afundar-se num remoinho. O caranguejo emite um som surdo como se fosse ele a ameaça e não o mar. Um homem passa por ali com um saco de plástico. Viera de arrancar um monte de lapas com um canivete. Não se dá conta que ao pôr-do-sol os bichos iniciam um ciclo de voracidade, ou é nesse pressentimento que lhe nota os pés a aumentarem de volume e a deixarem na areia uma marca redonda e viscosa. Não lhe consegue decifrar o rosto, umas vezes sem olhos, outras sem boca, uma massa oval sem brilho que o faz estremecer. Aquela não é a hora dos naufragos, sabe-o bem. Quando eles saem da água,

a primeira coisa que se lhes vê são os dentes pendurados no queixo e os olhos esvaziados. Trazem a pele rasgada, sem veias e o peito da cor dos peixes. Tudo isto faltava a este homem que vinha das rochas com o saco de plástico, vestido com uma samarra.

O que custa a explicar é a razão que o levou nesse momento a recordar o amigo deitado numa cama de enfermaria coberto com um lençol e a seu lado uma enfermeira com um letreiro que dizia Maria Augusta.

Pareceu-lhe o som de um piano porque tudo se passara num hospital. O amigo estava deitado numa maca, ligado a uma botija, com uma enfermeira a agarrar-lhe o braço, enquanto esperava pelo médico. Na portaria, viu um homem com um transístor igual ao que usava em Paris. Tinha com ele um cão enrolado numa manta. O som do piano era o mesmo que ouvira quando o foi visitar ao hospital da Santé, uma casa escura no fim de uma avenida de plátanos, dentro de um muro alto, coberto de musgo.

Sentou-se num banco a olhar para as janelas. Os doentes estavam em pijama. Um deles encostou-se a um degrau e começou a desfazer cigarros. De vez em quando olhava para ele e ria-se. Tinha o cabelo rapado. Tirava e punha uma lapiseira no bolso, sem escrever. Não se percebia o que dizia.

O caranguejo luta ainda com a espuma, desaparece por momentos, mas volta logo às cambalhotas por aí acima, enrolado nas ondas. Pensa que, afinal, deve ser apenas a casca do animal que ali anda, um troféu perdido por alguém no verão, sem tripas. Os braços estão leves, mas o corpo tornou-se tenso, como se não tivesse carne a partir das omoplatas, os pés gelados. A água fria dá-lhe prazer, sente um batimento na espinha, uma dor no cérebro, parece possuído por uma

droga. Era como se um objecto metálico se tivesse colado aos seus ossos.

O amigo ficou ligado ao soro sem se mexer, a enfermeira preparou o saco da urina, subiu a pressão do oxigénio, ajeitou o leito, tudo mecanicamente, com um sorriso infeliz.

Matares-te agora que tudo está definido, sem os sonhos vagos de outros anos? Podias ter espetado a faca no meio do mato e foste fazê-lo em Paris.

Matares-te agora que as pazes estão feitas, que já não é feio ouvires chamar-te pelo teu verdadeiro nome, que o que conta é o dinheiro? Ninguém entende esse papel que deixaste escrito à enfermeira: mato-me porque não aguento ver aquilo em que os outros se tornaram.

Sentado, não sabia se devia esperar que o médico lhe viesse contar se fora com uma faca que ele se suicidara. Sabia que isso era decisivo para encontrar a explicação. Tinham-lhe dito, em Paris, na Santé, que quanto maior fosse a dor da alma, maior era a violência da morte. Ali, a tentativa fora com um facalhão de cozinha, o de abrir o cabrito. Tinha ido ao vinho. Quando chegou, já os gritos saíam pelas escadas e o sangue salpicara as paredes e o tecto. O dono da casa, um refugiado político, albergara-o até lhe conseguir papéis: tentou puxar-lhe a faca, enquanto a mulher correu para a escada a gritar por socorro. Um casal jugoslavo, em calções, espreitou pela porta e fugiu de seguida quando ouviu a sirenia do carro da polícia. Ficou na rua du Temple, à espera; escondeu a garrafa por precaução, não tinha papéis, não podia correr riscos. No meio de um grupo de emigrantes viu a maca descer com o corpo do amigo e a ambulância partir a grande velocidade.

O caranguejo desliza de barriga para o ar, flutua para não desperdiçar forças. Já perdeu uma das tenazes. O crepúsculo avança lentamente, já o sol caiu no fundo do mar. Não há cães, nem gaivotas. A água parece agora quieta no extremo de uma paisagem silenciosa, sem algas. Tem o corpo pesado soldado ao chão. Não olha para os pés mas sente-os enterrem-se perigosamente. Uma força que vem de dentro da areia, como uma boca, puxa-o. O caranguejo pára perto dele, exausto. Sente-lhe a respiração, os olhos sem vida, presos por uma gelatina. É na espinha do homem que se crava a dor, o pescoço eriça-se esticado como um pau, a garganta humedece-se de uma baba pastosa que sai às golfadas contra a beira da água. O caranguejo mexe-se num derradeiro esforço e esconde-se nesse vomitado, num repasto formidável.

No pátio do hospital, evita pensar. Deteve-se no som do piano, imaginou um velho a tocar e uma mulher cega de pé, a seu lado, a entrelaçar os dedos uns nos outros, seduzida pela música. Momentos antes, assistira a uma cena entre dois negros e um negociante de automóveis. Os negros saíram de uma garagem dentro de um carro cujos faróis levantavam ao toque de um botão. Era um carro vermelho. Tinham um ar feliz. Arrancaram aos solavancos, depois de o dono do stand lhes ter entregue um papel e esfregado as mãos num pano sujo de óleo.

Tentou não perder essa imagem de felicidade dos dois negros. Um deles levava um lenço amarelo ao pescoço e o outro um casaco de cabedal e óculos escuros com aros prateados. Uma enfermeira atravessou o pátio com um tabuleiro de zinco na mão, parou a falar com um médico e desapareceu. As paredes do hospital eram escuras, o chão da entrada de cimento, não havia lâmpadas em nenhum lado. O calor parecia vir de um exaustor colocado a um canto que subia a

parede até ao telhado. Um fumo crepitante saía dessa zona. A uma janela instalada mesmo ao lado, um homem de óculos, sem cabelo, com um lápis na orelha, espreitava de tempos a tempos e cuspiu para o chão. A enfermeira regressou pelo mesmo caminho, mas agora sem bandeja, de mãos nos bolsos. Trazia os ombros caídos, cabeça inclinada para a frente e os olhos fitos nos bicos dos pés, como se tivesse estreado uns sapatos. Vista de costas parecia que uma das pernas era maior do que a outra. Endireitou-se para ler um edital, compôs o cabelo e entrou por uma porta.

O cheiro a urina era agora mais intenso. O som do piano calara-se. Que fazia ali sentado se o amigo em coma não podia dialogar? O bilhete que deixara à enfermeira não explicava tudo. Não andava doente. A depressão acabara no dia em que chegara a Santa Apolónia, carregado de roupa e de jornais. Levou tempo a atravessar a Espanha, com mudanças de comboios e mulheres a vender rebuçados durante a noite. Pouco falou em toda a viagem. No táxi que o levou a casa, de novo em Lisboa, o motorista perguntou-lhe se era emigrante ou político. Só aí percebeu que algo havia mudado.

São olhos de pessoa os deste caranguejo, pensa. Alguém que terá morrido num naufrágio. Não sente rigorosamente nada. Deixa de saber se pertence a algum lugar preciso. Ao fundo, forma-se uma onda gigantesca. Presencia tudo sem medo. Fecha os olhos no momento em que o caranguejo se enterra no poção do mar e recebe uma pancada dentro da cabeça. O som de um barco a desfazer-se contra um rochedo.

Não é longe dali o sítio dos naufrágios, ouvem-se os gritos dos mortos nessa direcção, vêm com o vento do sul. A noite cai de vez, o mar bate ainda com mais fúria, envia um uivo medonho, mas não se consegue mexer. Tenta alguns movimentos com os braços, mas o cérebro não obedece. A água sobe pela areia, molha-lhe os sapatos. Um frio de pedra es-